

## *Art and Media*

Denise do Rocio Calomeno Martini\*

MACHADO, Arlindo. *Arte e mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Na contemporaneidade a arte não nega as técnicas tradicionais, mas aliada cada vez mais aos avanços tecnológicos e as outras possibilidades de representação, o artista se realiza e oferece ao público e a crítica novas experiências estéticas. A arte torna-se interativa, provoca os sentidos humanos e requer do homem uma reeducação do olhar, do sentir, do perceber.

No livro "Arte e Mídia" (2007), Arlindo Machado discute a artemídia e as imbricações dos vocábulos - arte e mídia - com significados distintos e que vão além do instrumental, do uso de equipamentos e da interferência e presença da arte pelos meios de comunicação em massa.

Arlindo Machado é crítico de arte, curador e teórico da mídia, doutor em Comunicação, docente da Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dirige seus estudos à produção artística imagética da contemporaneidade vinculada à tecnologia - vídeo-arte, artes eletrônicas, teoria da comunicação e informação, produção televisiva - e as formas de mediação desta produção.

No primeiro capítulo intitulado - "Arte e mídia: aproximações e distinções" (p.9) - Machado nos instiga a refletir sobre a produção

em arte e a apropriação pelos artistas dos meios disponíveis em cada momento histórico. Afirma que: "Se toda a arte é feita com os meios de seu tempo, as artes midiáticas representam a expressão mais avançada da criação artística atual e aquela que melhor exprime sensibilidades e saberes do homem do início do terceiro milênio" (p.10).

O subitem do primeiro capítulo denominado "Desviando a tecnologia do seu projeto industrial" (p.10) trata da forma como o artista utiliza "aparelhos, instrumentos e máquinas semióticas" que não foram projetados com a finalidade de serem suportes para a arte e sim dentro de padrões de produtividade industrial, da produção em série, dentro da lógica de expansão capitalista. O artista reinventa os meios, "é um subverter continuamente a função da máquina" (p.14). Entre alguns exemplos Machado nos traz o romance digital *Agrippa* (1992) de William Gibson em que o artista apresenta na tela um texto onde as palavras se misturam e são destruídas por um vírus de computador, capaz de acabar conflitos de memória do aparelho. O autor conclui: "então não se pode mais (...) dizer que os artistas estão operando dentro das possibilidades programadas e previsíveis dos meios invocados. Eles estão, na verdade, ultrapassando os limites das máquinas semióticas e

---

\* Especialista em Metodologias de Ensino, Magistério Superior e Educação Especial Graduada em Artes Visuais - UFPR e em Comunicação Visual - UFPR. Professora PDE 2008 - pesquisadora em Tecnologias Aplicadas à Arte, Educação e Educação Especial. Contato: profdenise@seed.pr.gov.br

reinventando radicalmente os seus programas e as suas finalidades." (p.14)

Na seqüência em "A arte como metalinguagem da mídia" (p.17) o autor questiona a representatividade da artemídia dentro da sociedade midiática, "o 'desvio' do projeto tecnológico original no diálogo com as mídias e a sociedade industrializada." (p.17) Apresenta a videoarte como expressão pioneira de intervenção artística nesta sociedade midiática, com interferência crítica extrapolando o mecanismo inicial da máquina, a técnica programada, distorcendo "as suas funções simbólicas, obrigando-as a funcionar fora dos parâmetros conhecidos e a explicitar seus mecanismos de controle e sedução." (p.22)

Machado conclui o primeiro capítulo com o tema "A mídia como reordenamento da arte" (p.23), retomando o conceito de arte dentro deste contexto de transformação da representação artística através da produção midiática, do "fazer arte nas mídias ou com as mídias" (p.24). Discute a revisão dos conceitos tradicionais sobre representação artística e um repensar consonante com a nova sensibilidade trazida nas obras atuais. O artista, cada vez mais, encontra um público diversificado, diferente daquele que direciona seu olhar para a apreciação da obra. Este público nem sempre compreende que, o que estão vivenciando, é uma experiência estética. A arte ocupa outros espaços e exige um redimensionamento no seu significado, enfrenta "o desafio da sua dissolução e da sua reinvenção como evento de massa." (p.30)

O segundo capítulo "Tecnologia e arte: como politizar o debate" (p.30) Arlindo Machado discute o progresso tecnológico e o posicionamento do Brasil diante de outros países produtores de tecnologias eletrônicas, digitais ou biogenéticas e a democratização do acesso a estes avanços - seletivos e discriminatórios. Questiona a implantação centralizadora das tecnologias por empresas privadas ou por políticas exclusivistas. O autor

nos traz o pensamento de Roy Ascott quando analisa as mudanças comportamentais advindas da comunicação em rede e afirma que "estão afetando profundamente as relações de intersubjetividade e de sociabilidade dos homens (...)" (p.35) consigo mesmo e em relação aos outros. Diante deste contexto uma das preocupações exposta é a carência de aprofundamento das discussões sobre tecnologia em toda a complexidade que este tema necessita, resultando em um "desgringolamento" de valores e da própria concepção de arte, numa sociedade sem massa crítica.

Machado apresenta a teoria do filósofo "tcheco-brasileiro" Vilém Flusser, que analisa as mudanças culturais, sociais e antropológicas presentes na contemporaneidade. Neste momento Machado traz como referência o livro "Filosofia da caixa-preta" (1984), onde Flusser reflete sobre a sociedade "pós-histórica", como assim denomina nossa era, "marcada pelo colapso dos textos e pela hegemonia das imagens." (p.42) e discute a fotografia como primeiro impulso para a automatização da produção, distribuição e consumo da informação, passando pela imagem eletrônica e chegando as imagens digitalizadas e a manipulação destas imagens pelo artista e sua relação com a máquina.

Finalizando o segundo capítulo, intitulado por "Artemídia: a experiência brasileira" (p.49), Machado faz um breve histórico da presença das poéticas tecnológicas resultantes da arte cinética, da música eletroacústica, da *computer art computer music*, holografia, arte-comunicação, poesia intersemiótica e da interseção arte-ciência. Questiona a substituição da discussão estética, em relação à produção midiática, em contrapartida à relevância de questões técnicas, e os critérios de avaliação desta produção que "apontem para perspectivas de invenção, liberdade e conhecimento." (p.56)

No terceiro e último capítulo "Convergência e divergência das artes e dos meios" (p.57) o autor cria uma metáfora visual partin-

do da imagem de três círculos interceptados, definidores dos meios - fotografia, cinema e música - e exemplifica a divergência e convergência entre estes meios de representação artística. Discute a hibridização e as relações de sentidos que constituem o pensamento da divergência - cada arte midiática pensada e praticada de forma independente - e da convergência - a migração das imagens, as conexões entre fotografia, cinema, vídeo e as artes digitais.

Perfazendo a obra literária "Arte e mídia" (2007), Arlindo Machado contextualiza seu pensamento trazendo como referência a produção e pesquisa de diferentes artistas, analistas, semioticistas, produtores cinematográficos, críticos entre outros estudiosos da arte e tecnologia, direcionando a leitura numa perspectiva histórica, o que possibilita ao leitor desvelar os argumentos e conceitos intrínsecos no texto de forma prazerosa e enriquecedora.

Texto recebido em 27 set. 2008.

Texto aprovado em 6 out. 2008.